



Jubileu 800 anos 1216-2016
Ordem dos Pregadores

História do Rosário

Entre as devoções com que o povo cristão honra a Virgem Maria sobressai o Santo Rosário; é a rainha dentre as devoções marianas. Múltiplas são as razões de esta afirmação. Destacamos algumas delas:

O Rosário tem raízes muito profundas na alma do povo cristão. Para rezar por um defunto, para pedir por uma necessidade, para exercitar a oração em família... os cristãos recorrem à oração desta devoção de maneira espontânea.

O Rosário tem uma base bíblica ampla e sólida: seus mistérios e suas orações estão cheias de textos bíblicos. Esta oração é um resumo do Novo Testamento.

Difícilmente se pode encontrar uma síntese mais harmônica de oração mental e vocal que o Rosário; nele se ora com os lábios, se medita com a mente e se ama com o coração.

A história da salvação está perfeitamente apresentada em seus momentos culminantes nos mistérios do Rosário.

Quando algum sacerdote, por dificuldades especiais, deve ser dispensado das orações do Ofício Divino, frequentemente se comuta com a oração do Rosário.

A Virgem Maria, em aparições tão solidamente apoiadas pela hierarquia eclesiástica como as de Lourdes e Fátima, pediu esta prática religiosa.

Os Santos, sobre tudo os dos últimos tempos, têm animado o povo cristão, com suas exortações e exemplo, à prática desta devoção.

Os Papas, em incontáveis documentos de seu magistério, recomendaram insistentemente a oração do Rosário.

Pré-história

O Rosário, como o conhecemos hoje, teve sua pré-história e sua evolução. Não foi uma fórmula precisa e fixa que a Virgem entregou a São Domingos, tal como se representa na iconografia. Já se representava assim em dois quadros do século XIII, destruídos na Revolução Francesa, nos quais aparecia a Virgem entregando o Rosário a São Domingos. Esse tipo de representação iconográfica trata de expressar o sentido da obra de São Domingos, devida, ainda que com elementos prévios, a uma iluminação sobrenatural, que o fez estruturar e

estender essa devoção em seus elementos fundamentais. São Domingos nasce em 1170 e morre no ano de 1221. Qual é sua obra como autor do Rosário? Com que pré-história se encontrou? Naturalmente se trata da primeira parte da Ave Maria, já que “Santa Maria” e as partes seguintes não se generalizaram no Rosário até o começo do século XVII. E até parece seguro que o nome “Jesus”, adicionado à primeira parte da oração, não se generalizou até meados do século XIII.

O Rosário, como se verá, teve uma evolução muito variada até obter a forma atual, estabelecida pela autoridade da Igreja. Mas antes – já se verá a parte que São Domingos teve nele – o caso, escreve P. Getino, era saudar insistentemente à Virgem, dirigir-lhe essa gratíssima saudação que lhe dirigiu o Anjo e Santa Isabel, contemplar com esse doce acorde sua vida e, mais ainda, a de seu Filho divino, misturar nessas coroas de rosas marianas alguns Pai Nossos (estes sim se rezavam completos), e entregar-se ao amor e à imitação da Mão de Deus por um meio tão simples.

A oração da Ave Maria no século XIII

É inútil buscar a oração difundida da Ave Maria antes do século XII. Só se encontraria em algumas liturgias, não isentas de interpolações. O que sim se rezava era o Pai Nosso.

Até o século XII não há nada que mereça uma consignação sobre a oração da Ave Maria. As homilias dos Santos Padres e os cânones dos Concílios recomendam muito a recitação do Símbolo da fé, o Credo, e a oração dominical; mas a Ave Maria não aparece recomendada até o final deste século, e isso uma só vez. Às vezes se encontram citados casos esporádicos, pontuais, da oração da Ave Maria. São Pedro Damiano fala de um religioso que todos os dias ia diante do altar da Virgem e lhe cantava uma saudação angélica.

Na crônica de São Bartolomeu de Carpineto, se lê que o monge Oliverio morreu recitando a saudação angélica, o que também consta de outro monge, Reinaldo de Clairvaux, também São Bernardo, que se deliciava ao repeti-la. Santo Alberto, que morreu na primeira metade do século XII, recitava cinquenta Ave Marias todos os dias; o monge Josión, um pouco depois, cinco; uma tal Eulalia, da qual fala o Menológico cisterciense – ainda que não é seguro que seja do século XII – também rezava cento e cinquenta vezes a saudação angélica. Também recitava um grande número de Ave Marias, Cesário Heisterbach, que viveu nos tempos de Alexandre III e morreu em 1240. Se conta assim mesmo de uma senhora, sem indicação de nome, que recitava a saudação angélica ao ir para a igreja e ao se encontrar com alguma imagem da Virgem. Do monge Bertoldo, beneditino do século XII, se diz que aprendeu a recitar o Pai Nosso, o Símbolo e a saudação angélica. Devemos advertir que de Santo Alberto consta que às Ave Marias “adicionava as palavras de Santa Isabel”.

As vidas de São Norberto, São Bruno, São Bernardo, Santa Hildegarda e outros bem-aventurados do século XII nada nos oferecem de recitações de Ave Marias apesar de sua devoção à Virgem. As Constituições de suas respectivas Ordens guardam silêncio neste século, da mesma maneira que as Constituições de Concílios, Sínodos e documentos Pontifícios. Não só não aparece prescrito a recitação da Ave Maria aos clérigos, senão que nem sequer aos leigos que não sabiam rezar o Ofício Divino. Somente os estatutos de Guigués se preceitua aos leigos rezar trezentos Pai Nossos a cada defunto. (Mabillon)

Somente há uma disposição de caráter geral na qual se manda por Eudes de Sully, bispo de Paris, em 1298, que os presbíteros ensinem os fiéis a rezar o Pai Nosso, o Credo e a “Saudação à Bem-Aventurada Virgem”. Não se sabe o efeito que isso teve na diocese de Paris, mas pode-se dizer que o terreno ia se fazendo propício para a oração da Ave Maria. Como se vê, rezar a Ave Maria não era usual, mas esporádico e pontual. Porém mais adiante isso mudaria.

São Domingos e a Ave Maria

O que se sabe de São Domingos em relação à Ave Maria? Não abundam documentos, pois consta que muitos desapareceram. Mas, há interesse para saber sua ação na estrutura fundamental, no modo de fazê-lo e a influência que teve esse em outros. Desde a primeira hora se registra o modo de orar tão peculiar que ele tinha: nos caminhos, nas pousadas, nas igrejas e nas salas capitulares. Algumas vezes rezava em silêncio, outras em voz alta perfeitamente perceptível. Assim se narra no livreto “Maneiras de Rezar de São Domingos”, escrito, provavelmente, por Fr. Gerardo de Teutona. Este frade assistiu ao Capítulo Geral de Luca em 1288 e entregou ali o documento em que recolhia todo o que se pudesse saber dele, dos lábios de Ir. Cecília, discípula predileta do santo. Nele se diz que São Domingos orava se movendo “com grande agilidade, se levantando e se ajoelhando...”, “Às vezes falava em seu coração e apenas se ouvia permanecia ajoelhado como em êxtase” (*stupefactus diu vale*). Com este exemplo fazendo mais que dizendo, ensinava aos frades deste modo. Estas maneiras de rezar as praticava em toda parte.

Que orações tinha neste compasso de rezar com inumeráveis genuflexões? Na obra citada se diz que com isso “ensinava aos frades”. O que estes faziam se sabe por Galvano da Fiamma: “Além de feitas (pelos frades) as ditas devoções à Virgem Bem-Aventurada, uns se ajoelhavam cem, outros duzentas vezes entre dia e noite e diziam tantas vezes a Ave Maria”.

Se isto copiaram os discípulos, é que era uma maneira preferida e usual de rezar de São Domingos. Galvano da Fiamma diz que Frei Teutônico “em todos os seus louvores à Virgem dizia a Ave Maria de joelhos”. E no citado livro das “Maneiras de Rezar”, no códice de Bolonha, datado de princípios do século XV, coloca desenhos nos quais aparece São Domingos orando nos característicos modos que ele tinha; de frente ao altar ante que ele reza, se coloca duas vezes a Ave Maria, e em outro dos gravados coloca o “Gratia”.

A Ave Maria e a Ordem

O beato Jordão da Saxônia, sucessor imediato de São Domingos de Gusmão no governo da Ordem, depois de umas prescrições litúrgicas, manda que, ao final de cada um dos salmos prescritos, se reze a Ave Maria “com genuflexão”. E Gerardo de Frachetto em sua obra “Vitae Fratrum”, do século XIII, na qual recolheu todos os datos que as sabiam dos primeiros dias da Ordem, por preceito de seu Mestre Geral, que assim mesmo deu ordem aos conventos que se informasse de tudo o que se soubesse, conta de um frade que ante uma tentação, se foi diante de uma imagem da Virgem e lhe rezou a “saudação angélica, ajoelhando-se segundo o costume”. Este tipo de frequente uso da Ave Maria com genuflexões veio a ser, no século XIII, ordinário na Ordem. O mesmo sucedeu com as religiosas. Assim, entre as informações realizadas em 1270 em Ruan, sobre os milagres de São Domingos, se lê de uma jovem monja, daquele povoado, chamada Perrete, sobrinha de P. Beaulieu, confessor do rei São Luis, que enquanto rezou cem Ave Marias, ajoelhando-se, foi curada de uma enfermidade. De outra dominicana chamada Estefanía Ferrete, do convento de Unterlinden, durante cinquenta anos recitou diariamente cento e cinquenta Ave Marias, ajoelhando-se outras tantas vezes ou colocando-se em “vênia” ou prostração. Santa Margarida da Hungria, filha do rei Bela, recebida na Ordem pelo beato Humberto, e a beata Benvenuta Boyani, também dominicana do século XIII, rezavam diariamente mil vezes a Ave Maria, acompanhando a primeira de joelhos e a segunda prostrada ou fazendo “vênias”. O próprio São Luis, rei da França, recitava a cada dia cinquenta Ave Marias, ajoelhando-se em cada uma.

A formulação da oração

A oração da Ave Maria ajoelhado era uma prática na Ordem dominicana legislada pelo próprio fundador. O beato Raimundo de Capua, sucessor de São Domingos, escreve que fundou uma milícia de seculares – “Milícia de Jesus Cristo” – vinculada à Ordem. A seus membros mandou que rezassem diariamente um certo número de Pai Nossos e de Ave Marias no lugar das horas canônicas. Gregório IV, na bula que aprova esta Milícia, estabelece que por cada hora canônica digam sete Pai Nossos e por cada hora do Ofício da Virgem digam sete Ave Marias. Isto é, quarenta e nove Pai Nossos e quarenta e nove Ave Marias. Essa quantidade de Pai Nossos e Ave Marias se diria que são a confirmação pontifícia do estabelecido por São Domingos. Começa a aparecer o primeiro elementos do Rosário. Era louvor a Maria e protestava também contra os albigenses que negavam que Maria fosse mãe do Cristo. Assim diz o escritor Moneta de Cremona.

Nas Beguinhas de Gante –um povoado inteiro de mulheres piedosas dirigido por dominicanos– cuja Regra data de 1234, se lê: “Cada Beguina... deve rezar cada dia três coroas, orando, que se chamam “Saltério da bem-aventurada Virgem”. Em um documento do ano 1227 se manda rezar pelos defuntos o “Psalterium beatae Mariae Virginis”. Se as “coroas” constam de quarenta e nove Ave Marias –por imitar ao saltério do Ofício Divino diário, as três “coroas” são cento e quarenta e sete Ave Marias. O Rosário mariano começa praticamente a se constituir nesses momentos.

Na “Regra de São Sixto” do convento de dominicanas de São Sixto em Roma e, dada por São Domingos, enquanto as monjas de coro têm que rezar o Ofício Divino, às demais lhes impôs a reza de uma “coroa”. E no convento de dominicanas de São Domingos de Madrid –o único de monjas que fundou São Domingos pessoalmente– há um códice em pergaminho que diz: “copiado do antigo que se usava quando o santo fundou o convento”. Nele se regulamentam as orações; e quantidade de Ave Marias é numerosa e devem reza-las muitas vezes. Assim, por exemplo, ao levantarem-se dirão: “nos dias férias vinte e oito Pai Nossos e outras tantas Ave Marias”.

A regulamentação das orações para os noviços, no Ofício da Virgem, é muito interessante como consta em um códice do século XIII. Depois das matinas da Virgem, o noviço “meditará” “cum ardore” os benefícios de Deus: “a Encarnação, Nascimento, Paixão e orar coisas semelhantes...”, e terminando a meditação com o Pai Nosso e a Ave Maria.

A oração da Ave Maria, que se encontra no século XII rezado circunstancialmente por uma ou outra pessoa, no século XIII, já em seus princípios, se recita ao lado de São Domingos com uma generalidade assombrosa; seus frades o fazem objeto de seus amores depois das Completas; o tem em lugar de Ofício Divino os sócios da Milícia de Jesus Cristo; o recebem as monjas e noviços e faz parte da oração obrigatória dos leigos, do que poderíamos chamar de seu Ofício Divino.

Mas não só com São Domingos floresce e se estende a Ave Maria, mas também floresce em forma de “quinguagenas”, que é o número do Rosário, já em seus princípios. As genuflexões que se faziam, e que acompanhavam por regra geral a oração da Ave Maria, eram cinquenta ou múltiplos desse número. Como antes se viu, os frades “imitavam” a São Domingos em suas orações que era “recitar com genuflexões” a Ave Maria, o que faziam “uns, cem e outros, duzentas vezes”.

A Ave Maria em alguns países da Europa medieval

Na Bélgica tinha esse costume sana Maria de Oignies, discípula predileta dos grandes amigos de São Domingos. Também se destacam os nomes de Beatriz de Florival, Ida de Jesus, Margarita de Iprés e, sobre todas, as Beguinhas de Gante que rezavam as 150 Ave Marias.

Na Alemanha se cita a Cristina Ebnerim, célebre mística dominicana do convento de Engelthal que diariamente saudava a Virgem com 100 Ave Marias, e Estefanía Ferretti, dominicana de Comar que, durante cinquenta anos recitou diariamente as 150 Ave Marias.

Na Itália a beata Benvenuta Boyani recitava a Ave Maria centenas de vezes ao dia. Já no século XIII.

Na Suíça, as dominicanas de Toesz, na primeira metade do século XIV recitavam também as 150 Ave Marias.

Resumo do primeiro período da história do Rosário

A Ave Maria na forma de “cinquentenas” não tem, neste período, uma fórmula fixa, como se comprova na consulta que Maria de Tarascón, irmã de Clemente IV e favorecedora dos cominicanos, faz ao Capítulo Geral perguntando “que número de Pai Nossos e Ave Marias” seria mais conveniente a se rezar por dita reunião capitular. Assim contou seu irmão ao historiador Gerardo de Frachet que o narra em seu “Vitae Fractum”. Se quiséssemos resumir a obra de São Domingos com respeito à Ave Maria, refletida em sua obra e nos costumes de seus discípulos, se pode afirmar que sua preocupação foi introduzir a oração mariana:

- a) No Ofício da Virgem para os clérigos;
- b) No lugar do Ofício Divino para os irmãos cooperadores e para os confrades da Milícia de Jesus Cristo, hoje Irmãos Dominicanos Leigos e;
- c) Fora do Ofício, preferindo neste caso as cinquenta Ave Marias.

O Rosário como objeto devocional ou “contador de contas”

É óbvio que no tempo de São Domingos não existia o rosário –objeto devocional tal como o conhecemos hoje. Existia, porém, um tipo de “contador” para a oração repetida do Pai Nosso e se levava à vista. Quando o beato Marcolino de Forli, séc. XIV, rezava diariamente cem Pai Nossos e cem Ave Marias, levava as contas à vista –nas palavras do beato Juan Domínici– e o fazia “seguindo o costume dos irmãos leigos”. Tal contador de Pai Nossos era muito usado pelos dominicanos, mas é de uso anterior a eles e figura em estátuas e em sepulcros, ainda que somente com dez ou doze contas. Estas contas eram livres e outras eram formadas por nós; ambas foram usadas também para a oração do Rosário, já que este não teve contador próprio até que se estabeleceu a fórmula rosariana. Na primeira época é difícil identifica-los como contadores de Pai Nossos ou de Ave Marias. Aparecem frequentemente como “fios de contas”.

Se impõem os contadores de contas do Rosário

Nas Atas do Capítulo Provincial de Orvieto, 1621, se mencionam os contadores de Pai Nossos do tipo de “fios” que usavam os irmãos leigos. Do mesmo gênero eram, ao que parece, os que usavam Santa Inês de Montepulciano, 1317, e outras dominicanas dos séculos XIII, XIV e XV. O historiador P. Mezard examina dezoito casos de dominicanos anteriores a Alano de la Roche que levavam “coroa, rosário ou paternóster”, como mais geralmente se chamava. O que Santa Catarina de Siena deu ao pai de sua amiga Alesia tinha cem contas, assim como o do beato Marcolino de Forli, dominicano da mesma época. Até nesses “fios” se acendeu o luxo. Em um de 1333, o “fio” tinha três contas de âmbar, duas de cristal, duas de coral, etc. O Capítulo provincial de Orvieto de 1261 manda aos irmãos leigos levar um paternóster que não seja de âmbar nem de coral. Mas não indica o número de contas nem de Ave Marias que agregava aos Pai Nossos.

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — <http://www.dominicanos.org.br>